

Aliados do governo querem independência

Andrei Meireles

Líderes de quatro partidos considerados governistas — PTB, PDC, PTB e PL — estão articulando a criação de um novo bloco parlamentar na Câmara para atuar como uma força independente, equidistante tanto do Governo quanto das oposições. O bloco seria integrado por cerca de 115 deputados federais. O Governo não está gostando desta articulação e tenta neutralizá-la, nomeando para cargos federais apadrinhados políticos de parlamentares dos quatro partidos. Do PDC, por exemplo, sairão os novos presidentes do Conselho Nacional de Trânsito e da Suframa. O PDS do Ceará também foi contemplado com a direção de vários órgãos federais no Estado.

A articulação do bloco independente tem à frente o deputado Gastone Righi, líder do PTB na Câmara, que até hoje não absorveu o movimento inspirado pelo Palácio do Planalto para derrubá-lo da liderança. Com uma bancada dividida, Gastone não tem cacife para alinhar seu partido com as oposições, mas tem força suficiente para integrá-lo junto com outros partidos em um bloco independente.

O ministro Jarbas Passarinho, da Justiça, que é filiado ao PDS,

tenta neutralizar o afastamento do seu partido do Governo, já tendo, inclusive, ameaçado deixar o cargo se ele for para a oposição. Algumas estrelas do PDS — os deputados Delfim Netto, Amaral Netto e Roberto Campos, entre outros — são favoráveis a uma postura mais oposicionista do partido, mas aceitam seu alinhamento num bloco independente.

Sarney

A perspectiva de uma postura de independência agrada também ao ex-presidente José Sarney, que não se sente muito à vontade no PMDB com sua definição pela oposição. A maioria dos seguidores de Sarney está filiada ao PFL, no qual também não estão numa posição muito confortável pela opção do partido de ser a principal força de sustentação do Governo. Nas batalhas travadas em torno do projeto de regulamentação da edição de Medidas Provisórias pelo presidente da República, por exemplo, a bancada maranhense ligada a Sarney oscilou entre o alinhamento ao Governo ou às oposições.

Sarney, que está avaliando a conveniência política de ingressar ou não no PTB, poderá se levar seu grupo, transformar o bloco independente na maior força isolada da Câmara dos Deputados. O bloco go-

vernista, com seus 130 deputados, seria reduzido com saída do grupo de Sarney para cerca de 120 parlamentares. O PMDB, em processo de crescimento, também pode chegar aos 120. Já o bloco independente, que seria inicialmente formado por 113 deputados, poderia com as novas adesões ultrapassar as duas outras grandes forças numéricas na Câmara.

O presidente da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro, entende que a formação de blocos facilita os trabalhos legislativos e considera que se as esquerdas também se articulassem desta forma seria positivo. Um eventual bloco de esquerda, de formação improvável devido a divergências políticas, seria integrado pelo PDT, PT, PSB e os PCs. Juntos, eles somariam uma bancada de 100 deputados.

O estímulo de Ibsen à formação de um bloco de esquerda tem também um objetivo político: seu partido, o PMDB, gostaria de formar um bloco com o PSDB, que tem 38 deputados, o que, se concretizado, consolidaria, de vez, o papel dos peemedebistas como a principal força política do Parlamento. Os tucanos, porém, não querem nem ouvir falar em blocos, enquanto internamente estão divididos entre se aproximar ou não do Governo do presidente Fernando Collor.